

# MONUMENTO À BANDEIRA

AO BTL. ESC. NO SEU 11.º ANIVERSARIO

Auri-verde pendão da minha terra  
Que a brisa do Brasil, beija a balança

.....

CASTRO ALVES

A Bandeira — símbolo de nossa estremeçada Pátria — tem nos fastos da nossa história o seu dia datal, consagrado em 19 de Novembro. Nessa data, além do tributo que lhe é peculiar, o das Classes Armadas, os Órgãos do Poder Executivo e Judiciário, ás Escolas, Educandários, Instituições, Estabelecimentos e Oficinas de Trabalhos, todos com brilho, secundam essa manifestação cívica. Mas o aprasimento e a ufania que sentimos, quando a vemos, bela alta-neira e soberana, panejando no tope dos mastros, gravará para os pósteros no imponderável do seu sentir, a sublimidade dos nossos sentimentos?!... — Positivamente, não!... E preciso dar vida e corpo á este culto cívico, como um legado de honra ás gerações do porvir... Materialisar, sublimar no altar da Pátria, perpetuando no bronze eterno, o monumento á Bandeira e áqueles que, no campo da luta, a fizeram intangível!... A nossa história militar em páginas fulgurantes, memora o inegalavel amor que os nossos antepassados devotavam ao Lábaro Sagrado, jamais abatido e que, ao recordá-las, sentimo-nos dominados de intenso jubilo. Manuseando essas páginas gloriosas escritas com o sangue desses heróis, esterotipadas em caractéres de bronze elas assim nos edificam: no "Passo da Patra", em 1866, o acampamento do Exército Aliado, é inopinadamente atacado por uma força inimiga de 5.000 homens, sem que fossem apercebidos, uma vez que as informações negativas da descoberta feita pela cavalaria correntina, pareciam assegurar calma... Após terrível luta, o adversário se retira em debandada e lutando, enovelados com ele, os nossos... O 1.º e o 26.º de voluntários e duas Cias. do 13.º de linha, penetram de envolto com o inimigo, no seu próprio acampamento... Infantaria e Cavalaria, em superioridade de forças se atiram contra os nossos cercandó-os e os intimando á rendição. A resposta dos nossos soldados, foi feita em quadrado e, com uma sarai-vada de balas...

Em quadrado, retirando e parando os golpes da cavalaria adversa, reforçada, os nossos continuam resistindo, ora em quadrado, ora em grupos que se apoiam uns aos outros, moldando-se ao terreno. São

nais visados pela acutilada do adversário, um trôço de valentes que defendem o pavilhão do 26.º. Resistindo sempre, os nossos se aproximam de um banhado. Afeitos ao terreno e, para que o honroso troféu não lhes escape, ás cargas inimigas, redobram de intensidade. . . Percebendo a intenção do adversário, esse pugil de bravos, fazendo trincheiras com os seus próprios corpos, barram a sua aproximação com um fogo violento. . . O porta-bandeira, através do banhado, salva o pavilhão, enquanto aquele parapeito argamassado com o sangue dos seus heróis vai se abatendo sobre o terreno. . . em "Tuyu-Cuê", o 30.º de voluntários quando em serviço de segurança foi surpreendido pelo inimigo, que conseguiu atravessar a linha de vigilância, infiltrando-se através um pequeno banhado e protegido pela noite de cerrada e fechada. Despertado o batalhão pela acutilada traiçoeira da força adversa, desorientado pelo imprevisível ataque, pelo sono e pela densa neblina que o cercava, mal pôde organizar a resistência. Após enérgica luta o assaltante é rechazado. No meio da confusão estabelecida, levanta-se gravemente ferido, um dos cabos da guarda da bandeira e vendo morto o Alferes com os seus cinco companheiros, a gemer e a sumir-se-lhe a voz na garganta diz: "Levaram a nossa Bandeira!" . . . Instantes após, ouviu-se angustiada o grito do comandante, o Ten. Cel. Apolônio Jac me da Gama que articulava — "a morte de todos ou a Bandeira, já" ! . . . Um rugido horrífico seguiu-se á ordem obedida, o 30.º mais parecendo horda de selvagens, do que força militar organizada, derramou-se nas trevas em debandada na direção do inimigo, trancou o banhado e em poucos minutos alcançava-o. Estabeleceu-se um terrível assalto á arma branca onde a contrabalançar a imensa gritaria inimiga, os nossos heróicos soldados, brandiam em golpes mortais, as laminas cintilantes dos seus sabres. Melhor hora depois, voltava pouco — mais da metade do 30.º, carregando os seus feridos, armas e a Bandeira que o inimigo lhe arrebatára. . . Foi tal a alegria e a commoção do comandante que vítima de um ataque caiu do cavalo, não mais recuperando o uso integral das faculdades mentais ! . . .

Ele que clamára, ao saber que a Bandeira do Batalhão fôra presa pelo inimigo: "estou deshonrado" ! . . . não tivera forças para suprir a falta que de sua vitória a reabilitação ! . . . A Bandeira desfraldada ás auras matutinas, pois que se aproximava o dilúculo, foi saudada com o Hino Nacional; no renhido "combate de Tahy", em Outubro de 1867, o porta-bandeira do 2.º Batalhão, o Alferes Benedicto de Barros, atira-se ao fôssco para escalar a trincheira inimiga animando os soldados com a insígnia desfraldada e, a ergue ao parapeito. Neste momento é gravemente ferido e cai pelo talude. Um bravo adversário lança mão á Bandeira, mas o Ten. João Cordeiro Feitosa, que também se havia precipitado ao fôssco, consegue tomá-la, depois de matar o inimigo. Feitosa recebe por sua vez, um grave ferimento, e cai por terra com a insígnia da Pátria. Ao seu lado está o Alferes João da Costa e Souza, com algumas praças. O oficial levanta o Lábaro Sagrado, segue por um flanco da trincheira e penetra com aqueles no

recinto da posição inimiga, sendo aí atacados por grande número. O oficial defende o Pavilhão, á espada, mas é mortalmente ferido. O inimigo precipita-se á Bandeira. Não consegue tocá-la, sequer, porque o cabo Joaquim Vilela de Castro se lança á ela e a ergue, ao mesmo tempo que com a rapidez de um relampago, se coloca em sua frente, o soldado João Estácio da Conceição que, dextro na esgrima de baioneta, faz recuar em cinco adversários, encarniçados em se apoderarem da gloriosa Embléma Nacional. Logo assim, transmiti-la intacta ao seu comandante; no sangrento "assalto de Curupaity", o 12.º de voluntários foi um dos primeiros que se arrojaram no vulcão da metralha, deixando no passo da 2.ª trincheira, dezenas de cadáveres. Em outra investida o porta-bandeira, Aelfres Lopes Ferreira chega á contra-escarpa, lança para o fôssco e o vendo entulhado de mortos, precipita-se ao fundo e consegue subir a escarpa. No momento que cravava a Bandeira na trincheira inimiga, uma bala lhe despedaça a mão e quebra a haste da Bandeira. O oficial volta até a escarpa, tomba e com elle a insígnia da Pátria. O comandante do batalhão ergue-a e a entrega ao Alferes Garcia, que tambem cái gravemente ferido, e com elle a Bandeira, já rubra de sangue. O inimigo que observa esse ardente culto pelo símbolo da Pátria, converge um fogão terrível sobre esses bravos. O sargento Perdel atira-se a Pavilhão erguendo, mas por sua vez, tomba por terra ferido. Mais uma vez tomba a Bandeira Nacional no campo da batalha, porém agora oficiais e soldados se lançam á ella e a levantam crivada de balas e completamente ensanguentada. Apesar de tudo, o inimigo não consegue por-lhe a mão e, quando na retirada a Bandeira do 12.º não flutuava, porque estava embebida do sangue dos seus heróicos defensores!... No 33.º de voluntários, o Alferes Augusto Júlio Lacase, conduzindo a sua bandeira, transpôs com ella o fôssco e aí lutou contra o inimigo e, sendo gravemente ferido no peito, entregou-a ao Cap. José de Sá Chren, que sendo depois tambem cinto, restituiu-a inclume ao seu comandante; na "Batalha de Rinchuel" a Parasiba ao ser abordada por 4 veces inimigas travou renhida luta, em um sangrento, corpo a corpo, e, como fôsse a guarnição brasileira quatro vezes menor que a contrária, ficou reduzidissima na luta, finda a qual, um oficial inimigo deu ordem para que fôsse arriada a Bandeira brasileira que altiva, tremulava no mastro do nosso navio. Foi nesse momento que o Guarda-Marinha João Guilherme Greenhalgs como bom patriota, não permitiu que se consumasse essa afronta, descarregando o seu revolver no oficial inimigo, o que, fez com que os comandados deste avançassem para elle e lhe decepassem a cabeça. Nesta singela narrativa, divisamos bandeiras que são defendidas com o sangue e a vida, e virtudes militares acrisculadas no altar sagrado da Pátria!... Essas proezas épicas não podem ser obliteradas, se apagando pouco e pouco, torna-se imperioso, fazê-las reviver a cada passo, ressaltá-las da patina dos tempos e transformá-las em fonte perene de glórias! Vivificar no bronze imutavel através da história, o passado, que deve perpetuar-se na memória das gerações presentes e porvindouras. Elevemos pois o monumento á Bandeira, na praça do mesmo nome ou em outro local, talvez mais

adequado e de perspectiva imponente. As forças Armadas que em 1821, decidiram a partida de D. João VI para fóra do Brasil; que mais ardentemente pugnaram pela emancipação política do país; que foram as pioneiras da dissolução da constituinte faciosa de 1823; que no 7 de abril de 1831 julgaram indispensável a deposição de Pedro I; que baixaram as armas, quando lhes mandaram pegar os escravos fugidos e bater escravos revoltosos; que proclamaram a República, em 15 de Novembro de 1889; que e na manhã de 24 de Outubro de 1930, depuzeram o Presidente da República, lançando por terra as oligarquias dominantes; que em 10 de Novembro de 1937, apoiaram e cooperaram no advento do Estado Novo, criação de férteis e produtoras iniciativas, culminando na Siderurgia Nacional e nas Leis de Assistência Social e que, desde os pródromos da independência, teem sido a viga mestre da estrutura nacional, com os serviços nobilitantes que apresenta, se deslembrou até o presente, dos seus vultos heróicos que tombaram nos campos de batalha de 1864-1870, estreitando contra o peito, o símbolo augusto da Pátria!...

A chancela da gratidão nacional, se faz retardar em demasia, no tempo e no espaço... A gratidão nacional se exteriorisa através da atuação de dirigentes e dirigidos, entrosados, em a mesma comunhão de sentimentos que se constitua pois uma comissão central, no Rio de Janeiro, irradiando outras; estaduais, regionais e municipais, para angariar os fundos necessários. Que cada um dê o seu óbulo sagrado, depositado nas Agências do Banco do Brasil, Caixa Econômica, Bancos Estaduais, Delegacias de Fazenda etc. O mandato dessas comissões, será outorgado às altas autoridades civis e militares, em todo o território nacional. Que se abra concorrência nesta capital, facultando o concurso de nossos escultores e arquitetos, galardoando os melhores classificados com valiosos prêmios. Que, finalmente, a comissão central solicite, para a consecução desse desideratum o concurso e o apoio do Interventor do Distrito Federal, para que se transforme a Praça da Bandeira, ou outra que melhor satisfaça os requisitos urbanísticos em uma praça magnificante com edifícios de 20 á 30 andares, de modo, que o quadro e a moldura, se completem em um conjunto harmonioso e estético; brindaremos assim, a Cidade Maravilhosa, com uma Praça Monumental ela tão desvestida de praças suntuosas... E E assim, em magestosa praça, de ano em ano, na data historicamente proclamada, governantes e governados, irão prestar o seu culto sagrado á Bandeira e ápeles, que tão alto a sublimaram!...

Aos delinear-mos o tema posto á vista, aliás interessante e sempre oportuno em memorar, o executamos sob o influxo do mais acendrado patriotismo... E uma asserção que se torna precisa, afim de que os quinta-colunas do pensamento, indigenas e alienigenas, não venham "focar entrelinhas e segundas-intenções": que somos imperialistas; que procuramos incentivar o espirito guerreiro das massas; que estamos rompendo o equilibrio da boa vizinhança e, outras deturpações da verdade, sempre prontas a armar á efeito... Nada mais injusto. Fomos e continuamos a ser, paradigma da lealdade e frater-

dade, entre os povos e adeptos extremados do pan-americanismo... não desejamos nenhuma cousa, pois tudo possuímos, dádiva opima do fruto de Deus!... Quando de viseira erguida, entramos no campo de batalha, o fizemos sempre, para combater áqueles que procuravam consagrar o uso do direito do homem livre e, a soberania de pátrias livres e independentes! Ideal, que nunca delimitou fronteiras!... E, assim, deixamos o nosso cartão de visita aos patrioteiros de qualquer que, niponicamente, tudo veem, tudo sabem, tudo menos fazem e nada edificam...

Esse rebuscar de feitos heróicos, singelamente explanados, trazem perfeitamente a memória descritiva para a ereção do Monumento. E quão belo e portentoso senti-lo-á o artista em a sua concepção de esteta! Em a minha imaginação rústica de soldado, despida das roupagens de estesia artística, vislumbro em um pedestal olímpico, dispostos com arte, sentimento e movimento, esses grupos simbólicos e, á tudo dominando, uma figura de mulher, de porte varonil, na exaltação; a túnica drapejando aos ventos e os braços alçados ao ar empunhando o Lábaro Sagrado triunfante! Diviso a luz do dia, surgindo as trevas da noite, vem raiando a madrugada... Ouço o rumor de clarinadas de gala, anunciando a alvorada que desponta. Estreito o estíngio: modulação de vozes alacres; hinos festivos; estrídulos de fanfarras militares... Percebo: bandeiras, pavilhões, e flamulas, que se agitam, tremulantes ao vento; rapazes e moças com os seus uniformes característicos, que garbosos, passam marchando; o tam-tam da marcha ritmada de homens de armas eriçadas e braços oscilantes; o galopar de cavalos e canhões, tropear ruidoso de cavalos; monstros de guerra que zunem, montados em lagartas estrepitantes; veículos que ao passar trepidam, e cegantes, deslisam na ansia sempre crescente de vencer distancias; lunetas enormes, qual aves notívagas de olhar sempre atento, trepidas em suportes que se deslocam; zumbidos de coleópteros mecânicos, que rodopiam no espaço, como fantásticos mangangás... O que é isto, á todos nós ocorre!?. São ás forças vivas da nação, a bravura brasileira, ás classes armadas que, na plenitude de sua pujança hodierna, reverenciam no culto aos seus herois, o "Dia da Bandeira!"...

(Desenhos de Visconde Maracajú, Borman, Sylvio Romero, R. Santiago e V. Cabral.)

